

São Guido Maria Conforti

Missionário, bispo e profeta da humanidade reunida e do Reino de Deus sobre a terra

Guido Maria Conforti, bispo de Ravenna e Parma, na Itália, e fundador dos missionários xaverianos, por decisão do papa Bento XVI, entrará na lista dos santos da igreja católica em data 23 de outubro de 2011. Ele morreu aos 5 de novembro de 1931 e, bem oitenta anos depois, recebe o diploma da santidade numa época que não parece mais a dele e pode tornar difícil a compreensão da sua figura de cristão e membro da hierarquia eclesiástica. Mas, por nossa fortuna, as coisas não estão andando assim, pois temos a impressão que a excepcional personalidade de Guido Maria Conforti aparece hoje mais luminosa do que oitenta anos atrás. Escutemos sobre este interessante argumento as respostas do padre Savino Mombelli, um xaveriano que se encontra trabalhando no Brasil desde 3 de fevereiro de 1966.

P. Por que a figura do novo santo aparece mais luminosa hoje do que no século vinte?

R. Porque o fundador dos missionários xaverianos pensava ao tempo que teria vindo para frente e falava, sofria e vivia a fim de que, nesta nossa época, viessem a amadurecer esperanças, aberturas e inesperadas novidades para o mundo e para a igreja. Recorrendo a palavras que hoje se usam frequentemente na hora de falar do presente e do futuro da igreja e da sociedade, podemos afirmar que Guido Maria Conforti, no século 20, se revela inovador e profeta pelo menos em três áreas diferentes. Foi inovador e profeta quando, criado bispo de igrejas históricas como as de Ravenna e Parma, teve a coragem de pensar ao futuro das nascentes igrejas do além mar, dedicando a elas grande parte da sua vida e fundando, a tal fim, uma congregação de missionários. Foi inovador e profeta quando ele mesmo, em vista de encorajar seus missionários a imita-lo, já consagrado bispo quis acrescentar, aos votos presbiterais de obediência e castidade, o voto religioso de pobreza que era próprio dos membros de ordens e congregações históricas, pois considerava que a missão ia precisar da generosidade apostólica que o conjunto dos três votos clássicos iria produzir. Foi inovador e profeta quando imaginava e sugeria aos seus missionários de não contentar-se em implantar a igreja nos

países de missão mas de querer, junto com a igreja, que os povos todos do mundo pudessem se encontrar e formar a família de Deus sobre a terra, ou seja aquele mesmo Reino de Deus que Jesus anunciava com a palavra e realizava com seus gestos e ações.

D. Compreendo bastante quando fala de Conforti como inovador, mas muito menos quando fala dele como profeta.

R. Inovador e profeta são conceitos quase equivalentes. Inovador é aquele que, descobrindo situações atrasadas ou pouco aceitáveis, consegue intervir e mudá-las para melhor, de maneira que tudo fique mais de acordo com as exigências dos novos tempos. Profeta é aquele que também quer mudar a situação mas que, pelas dificuldades encontradas, tem que deixar para outra geração a realização dos seus sonhos. Para que suas propostas inovadoras sejam entendidas e aceitas, o profeta deve antes morrer e atender que outras pessoas as possam assumir num futuro próximo ou remoto. É possível também que o profeta consiga implantar situações novas mas de maneira um tanto escondida e reservada pois só com o passar do tempo poderão ser abraçadas e realizadas com o devido entusiasmo. Me parece ser esta a sorte que tocou a Guido Maia Conforti e, muito antes do que a ele, ao próprio Filho de Deus Jesus Cristo Nosso Senhor. Os apóstolos e discípulos tinham entendido muito pouco a respeito do seu projeto e suas propostas, sobretudo após ter constatado a derrota definitiva que as autoridades judaicas lhe tinham infligido. Somente após a ressurreição inesperada Jesus adquire a condição de ser entendido e de serem acolhidas as suas ideias, ao ponto de ser testemunhado e imitado por milhares de santos e mártires, por comunidades e igrejas inteiras durante uns vinte séculos.

D. Gostaria ouvir algo mais sobre Jesus profeta. Frequentemente é indicado com tal termo ou palavra, mas não de maneira que o povo compreenda e reconheça o alcance dela.

R. O seu pedido chega no momento certo e me autoriza a falar da outra face da inovação e da profecia. Quando uma pessoa quer inovar uma situação e põe as bases para que isso aconteça proximamente, isso quer dizer que tem algo que não funciona corretamente ou que a tal situação passou a ser insuportável e precisa ser revirada. Com palavras mais simples: inovar e profetizar implica em duas coisas: constatar que a situação em que se vive se tornou inaceitável e programar uma mudança que, a breve ou médio ou longo prazo, possa ser substituída com um estado de coisas parcial ou totalmente novo.

P. Como se podem enxergar estes dois diferentes momentos, ou duas fases, na conduta de Jesus?

R. Ao inaugurar a sua vida pública, Jesus tinha consciência plena da situação insuportável em que viviam os seus irmãos israelitas. Com seus próprios olhos tinha constatado como eram tratados os camponeses, os pescadores, os escravos, os presos por dívidas, as mulheres, as crianças e todas aquelas pessoas que viviam afetadas por males crônicos ou alguma limitação psicológica: leprosos, cegos, paráliticos, surdos, endemoninhados e doentes em geral. Tinha já constatado que a religião vinha sendo praticada não para sanear as situações acima ditas mas, ao contrario, era aproveitada pelas classes dominantes para ocultar suas hediondas ambições e enriquecer cada vez mais e, inclusive, para justificar violências e abusos vários acima dos pobres e excluídos da sociedade oficial. Não podendo concordar com aquele absurdo panorama, Jesus se apressou a propor uma mudança radical: o advento e a implantação do Reino de Deus sobre a terra.

P. O Reino de Deus em palavras ou também em fatos?

R. Mais por fatos que por palavras. O que eram seus prodígios, isto é a cura dos doentes, a expulsão dos demônios, a recusa dos poderes e da riquezas, a recuperação da vista e do ouvido e o parálítico que volta para casa com sua cama nos ombros? Eram sinais do Reino de Deus que estava chegando, eram experiências do Reino de Deus que o povo devia perceber como presente e, então, repetir e multiplicar. E o que era a multiplicação dos pães, a ultima ceia, a lavanda dos pes, a acolhida dos peregrinos, a visita aos presos, as promessas de Zaqueu e a fascinante aventura do bom samaritano? Eram gestos que Jesus praticava e recomendava a todos sob proposta do Pai do Céu e em vista de inaugurar, na Palestina e em todo lugar do mundo, uma nova forma de convivência. Um novo estilo de vida que teria tido como chave fundamental a divisão e/ou comunhão dos bens e que teria espalhado pelo mundo a fora a saúde, a justiça, a igualdade e a fraternidade entre todos os seres humanos.

P. Mas os gestos e as propostas de Jesus não foram acolhidas. Ao contrário, pois em base ao seu programa de profecia e inovação, Jesus foi torturado e condenado a morte.

R. Nem sempre os profetas concluem sua missão com a tortura ou a condenação a morte mas, em todo caso, eles tem que sofrer muito a causa das críticas e feroz oposição que encontram por todo lado. Na nossa época temos conhecido ambos

os casos. Temos visto morrer assassinado o Maatma Gandhi na Índia, o pastor Martin Luther King nos Estados Unidos, o bispo Oscar Arnulfo Romero na América Latina, enquanto tiveram que sofrer a ira de Deus, mesmo sem chegar a morte, profetas como Nelson Mandela em África do Sul, Helder Pessoa Câmara no Brasil e o seu confrade bispo Miguel Ruiz em São Cristobal de Las Casas, no México. Embora de maneira mais velada e mais humilde, pois era homem esquivo e contrário a qualquer forma de auto-promoção, o novo santo Guido Maria Conforti pertence a esta segunda lista de inovadores e profetas dos nossos tempos.

P. Voltamos assim ao Guido Maria Conforti, ao novo santo que gostaríamos conhecer melhor como inovador e profeta no que diz respeito à missão da igreja, ou seja à pregação do Evangelho a todos os povos.

R. Entre o final do século XIX e o começo do XX, as atividades missionárias da igreja se encontravam num sensível clima ou vento de retomada, mas eram reservadas a uma porção muito pequena do povo de Deus: alguns milhares de padres, religiosos e religiosas esparsos ao longo de pelo menos três continentes, isto é África, Ásia e Oceania. Querendo que o número dos missionários fosse maior e que a presença deles fosse mais incisiva sobre o conjunto do mundo não ainda cristão que, estatisticamente falando, resultava ser cinco ou seis vezes maior do mundo dos batizados, Guido Maria Conforti não se contentava em oferecer à igreja uma nova congregação missionária, a dos xaverianos, mas procurou sensibilizar e envolver na causa missionária a igreja inteira começando pelo papa S. Pio X. Os missionários esparsos pelo mundo a fora não podiam prosseguir sozinhos naquela tarefa imensa, mas deviam pelo menos ser acompanhados e encorajados por todas as forças da igreja.

P. Quais foram as propostas que Guido Maria Conforti apresentou ao papa S. Pio X em vista de conferir mais eficácia e mais abrangência à obra da missão?

R. Corria o ano 1912 quando, acompanhado por padre Paulo Manna, um missionário que vinha da China e da Birmania e se tinha tornado superior geral dos missionários do PIME, o mesmo que hoje a igreja já invoca como bem-aventurado, Guido Maria Conforti bateu à porta de S. Pio X. Os dois foram acolhidos com grande abertura de coração e respeito e pediram ao papa que se interessasse mais do problema missionário e falasse de tal problema para toda a igreja. Sobretudo pediram ao papa a autorização a criar, na Itália, a UNIÃO MISSIONARIA DO CLERO. Envolvendo os bispos e os párocos do país, se podia

chegar ao povo cristão por inteiro e obter que este apoiasse a obra missionaria com as orações, os sacrifícios e um indispensável sustento financeiro. O papa concedeu logo a autorização invocada, mas não encontrou tempo e clima favorável para falar a toda a igreja e desperta-la de um sono secular. Entre outras coisas, incumbia na consciência do papa a tragédia do primeiro conflito mundial que se aproximava e, desconcertado por tal possibilidade, o santo Pio X veio a morrer dois anos depois na hora em que o previsto conflito mundial vinha a estourar (15 de agosto de 1914).

D. Por enquanto não estou percebendo algo de muita importância na sua narração. Somente gostaria saber se Conforti pude apresentar seu pedido para outros papas e quanto conseguiu obter.

R. Com o papa Bento XV, que tinha conhecido como arcebispo de Bolonha nas reuniões da região episcopal de Emilia/Romanha, Guido Maria Conforti obteve um sucesso com certeza maior. Apesar do papa ter reagido à primeira vista com um tanto de irritação frente a ideia de ter que abençoar uma nova fundação, isto é *a união missionaria do clero*, em outubro de 1916 e em pleno curso da primeira guerra mundial, por ele condenada e amaldiçoada, Bento XV aprovou a proposta do Conforti e Manna e olhou muito mais para frente. Em 1919 Bento XV escreveu uma carta circular (ou encíclica) para a igreja inteira, chamando-a em latim de *Maximum illud mandatum*. Qual era o sentido daquelas palavras e de toda a carta? Bento XV queria lembrar para a igreja inteira que o maior mandamento que ela tinha recebido de Jesus era o seguinte: pregar o evangelho e estender a proposta do Reino de Deus a toda a humanidade. Ainda hoje existem estudiosos que consideram que o papa tinha pedido ao Conforti a redação daquela genuína e impetosa carta missionaria.

P. Mas o que é que o papa queria obter com aquela circular para a igreja universal?

R. O papa queria que o problema da missão se tornasse problema da igreja inteira e, ao mesmo tempo, queria que as nascentes igrejas das áreas missionarias funcionassem como as veteranas igrejas da Europa e das Américas e que os jovens nascidos naquelas mesmas áreas pudessem estudar no seminário e receber a ordenação sacerdotal. Sobre a mesma linha proposta por Conforti e Manna, outros papas teriam intervindo em seguida, levando a missão para crescimentos e desenvolvimento nunca imaginados.

P. Faça, por favor, exemplos concretos e mais visíveis.

R. Falemos em primeiro lugar do papa Pio XI. Em 1925 ele escolheu uma freira de clausura para ser a padroeira de todas as missões: S. Terezinha do Menino Jesus, deixando entender a todo mundo que desde qualquer ponto geográfico e qualquer condição de vida o cristão podia empenhar-se na obra da missão. Naquele mesmo ano Pio XI criou a solenidade litúrgica de Cristo Rei Universal, querendo esclarecer que a missão devia levar o Cristo a todos os rincões da terra sob a bandeira do Reino de Deus. Em 1926 o mesmo papa escreveu uma nova carta circular sobre a missão e, devido à favorável repercussão daquela carta, veio a ser definido como o papa das missões. Naquela carta, Pio XI explicava com a maior clareza que a missão era competência e dever da igreja inteira, de todo o clero e de todos os fieis. Pouco depois e naquele mesmo ano, Pio XI decidiu consagrar bispos seis sacerdotes naturais da China e, em 1927, estabelecia que em cada paróquia do orbe cristão se celebrasse anualmente o domingo missionário mundial, fazendo com que a ideia missionária se tornasse uma maré que ninguém mais teria podido barrar

P. Não nego que aquelas novidades pudessem sacudir muita gente, mas tenho a impressão que se tratasse mais de sonhos que de realidade.

R. Naquelas novidades brilhantes mas um tanto teóricas não era coisa fácil enxergar logo frutos reais de crescimento e de mudança. Mas para chegar à realidade tinha que partir de sonhos e imaginações, como de algo indispensável. E acho que aqueles sonhos tiveram força suficiente para induzir uma ladainha de mudanças que ainda não acabou. Me limito a citar três estações daquela ladainha. Uma primeira forte sugestão de ruptura com o passado veio de Pio XII em 1956, dois anos antes da sua morte. Com um documento chamado *fidei donum* (o dom da fé), Pio XII liberava os padres diocesanos da Europa e das Américas para que, querendo, pudessem se inserir nas magras fileiras dos missionários e missionárias que trabalhavam na África, Ásia e Oceania e, na medida do possível, levando consigo competências mais apuradas e meios econômicos mais regulares, coisas todas que teriam representado a participação das igrejas históricas na tribulada aventura da missão universal.

P. Uma tal sugestão já tinha sido própria de Guido Maria Conforti desde quando seminarista e, depois, sacerdote e bispo.

R. Foi assim mesmo. E não tendo obtido a liberdade para deixar o seminário e entrar numa ordem religiosa que mandasse seus membros para as longínquas missões, Guido Maria Conforti respondeu instituindo uma nova congregação

missionária e empenhando-se a preparar, ao mesmo tempo, sacerdotes para a diocese de Parma e missionários xaverianos para as missões na China. Cem anos após aquela inspirada decisão de Guido Maria Conforti, a gente se pergunta se não veio a hora para que todos os bispos das igrejas tradicionais tomem aquele mesmo rumo. De fato, é hoje questão clara para todo mundo que qualquer padre ou qualquer bispo é chamado a servir a igreja universal e não somente a própria paróquia ou diocese.

P. Após a *Fidei donum*, quais outras decisões eclesiais contrinuíram a fazer avançar a posição missionária de Guido Maria Conforti?

R. Em 1967, com a circular *Populorum progressio* (O progresso dos povos) que exorta o primeiro mundo a favorecer e sustentar o desenvolvimento dos povos do terceiro mundo, o papa Paulo VI solicita a Igreja inteira a respeito da importância de associar à obra de evangelização, ou da missão, as problemáticas da justiça e dos direitos humanos, afirmando que evangelho e avanço social caminham juntos e não devem ser separados ou colocados em contradição. A advertência de Paulo VI chocou muitos cristãos das igrejas históricas, mas funcionou como chamado exaltante para aqueles cristãos leigos, homens e mulheres, que já se estavam preparando a entrar nas fileiras missionárias como profissionais: médicos, enfermeiros, construtores, educadores, comunicadores, mecânicos, técnicos agrários e na captação e condução de água potável. A multiplicação dos pães, um dos relatórios mais fascinantes de todo o Evangelho, devia ser retomada e confiada ao trabalho profissional de missionários leigos lá nos países mais pobres e mais famintos do mundo.

P. Não me resulta que Guido Maria Conforti tenha solicitado pessoal leigo a fazer parte da aventura missionária.

R. Estou logo de acordo, mas iremos ver daqui a pouco que Guido Maria Conforti tinha na cabeça, durante toda a vida, uma proposta ideal ainda maior: o de fazer encontrar e fraternizar, na base do Evangelho, todos os povos da terra. Um horizonte tal que teria exigido o concurso de todas as categorias de batizados, incluindo aqueles homens e mulheres de boa vontade que se encontram espalhados entre as outras religiões ou até por fora de qualquer religião.

P. Gostaria com tudo lembrar que Paulo VI trabalhou muito mais em função da missão universal. Chegou às Américas do norte e do sul, à África, à Oceania e à Ásia ...

R. e redigiu uma nova belíssima circular sobre o anúncio do Evangelho (*Evangelii nuntiandi*) a ser praticado no mundo inteiro e, eventualmente, a ser retomado nos países de antiga vivência cristã. Uma das suas mais belas sugestões dizia propriamente respeito aos estrados não ainda evangelizados do primeiro mundo. Enquanto podíamos considerar adiantada a evangelização da família e das pessoas dedicadas à atividade educacional, nunca aconteceu até agora que se tenha tentado evangelizar o mundo do trabalho, da tecnologia ou da economia e, talvez, da arte moderna e do esporte. Acontece de fato que pessoas que aos domingos, durante a celebração da missa, se sentem irmanadas, durante a semana seguinte se sintam obrigadas a se colocar em posições de adversários inconciliáveis a causa de questões sindicais ou trabalhistas e na hora de ganhar o pão para seus filhos.

P. Cuidado, padre, pois estamos de novo nos afastando da figura de São Guido Maria Conforti.

R. Não acredito. Os estímulos de tensão missionária que Conforti tinha suscitado na Igreja, a começar pelo papa Bento XV, produziram uma base mais sensível e mais capaz de entender qual fosse o tamanho e a abrangência do problema missionário e das suas implicações. De Conforti para cá, as suas mais belas inspirações foram retomadas e ampliadas pelos próprios missionários, pelos papas e pelas igrejas particulares de várias regiões do mundo, chegando ao dia em que, na América Latina e no coração do nosso país, em Aparecida, em 2007, será produzido um documento eclesial em que se afirma que todos os batizados são discípulos de Cristo e, então, são missionários chamados a evangelizar, no seu ambiente ou mais longe, todos os países de mundo, ou seja lá onde poderíamos ser convidados em base às nossas capacidades ou preferências.

P. Para chegar, porém, ao documento de Aparecida, me parece indispensável que se acene ao espírito missionário e à onda evangelizadora que provocava a presença e a palavra de João Paulo II.

R. Esse papa, que vimos com nossos olhos e tocamos com nossas mãos, deve ter conseguido méritos incomparáveis no esclarecimento da missão e no seu adiantamento. Ele mesmo se fez missionário visitando e falando em muitos países do globo terrestre –como já tinha feito sem barulho ou qualquer reflexo propagandístico, Guido Maria Conforti bispo de Parma em 1928 (indo e voltando da China por meio de duas extenuantes travessias por navio e por trem) e, uns trinta e cinco anos depois, teria feito Paulo VI visitando por primeiro a Palestina,

em 1964. O papa João Paulo II se assinalou depois com outros dois gestos de irresistível cunho universal. Em primeiro lugar afirmou que a missão se deve desenvolver em qualquer área do mundo, tanto em países não evangelizados quanto em regiões cristianizadas desde séculos: no areópago da ciência e da tecnologia como naquele do pensamento agnóstico e da filosofia, nas imensas periferias das metrópoles europeias como naquelas do terceiro mundo, isto é em qualquer lugar onde se encontrem situações de conflitos, injustiças e misérias. Em segundo lugar, João Paulo II convocou em Assis todas as religiões do mundo, e invocando com elas a paz universal, deixou entender que Deus liga com todas as religiões e aceita tudo o que nelas há de positivo e corretamente humano e que, a partir das religiões, os povos do mundo podem se encontrar e irmanar, confirmando o mais belo sonho de Guido Maria Conforti: organizar sobre a terra a família dos povos ou, mais exatamente, o Reino de Deus.

P. Me parece ter chegado a hora de ouvir uma palavra sobre as outras duas intuições do profetismo confortiano, começando da que diz respeito a relação entre votos religiosos e prática da missão.

R. Os votos religiosos foram criados nos primeiros tempos do monaquismo em base a ideia que os votos vinham sintetizar a vida que Jesus tinha vivido sobre a terra, tornando-a repetível para todos aqueles que gostariam imita-lo. Professar e viver os votos religiosos devia ser a mesma coisa que reviver a vida de Jesus, incluindo a possibilidade de enfrentar duras penitências, sacrifícios e o próprio martírio de sangue.

P. Era costume para os missionários distinguir-se dos outros cristãos, e até dos presbíteros e dos bispos, pela profissão dos votos de pobreza, castidade e obediência. Numa palavra, os candidatos à missão vinham a ser escolhidos normalmente entre os professos de ordens religiosas tradicionais.

R. Mas naqueles casos os votos não eram enxergados primeiramente como pré-requisitos ou forças indispensáveis da missão. Na missão não havia dioceses e bispos e podiam ser missionários somente os presbíteros e irmãos que, através dos votos religiosos, iam depender dos únicos superiores possíveis: os da família religiosa. Numa palavra, os votos tornavam juridicamente possível o emprego na missão mas, ao mesmo tempo, não qualificavam o trabalho missionário da maneira que Conforti ia almejando.

P. Qual era então o pensamento de Conforti a respeito da conexão entre missão e votos religiosos?

R. Guido Maria Conforti tinha emitido os votos de castidade e obediência na hora de se tornar um membro do clero diocesano parmense e só depois decidiu de emitir também o voto de pobreza. Quando? Em 1902, no dia em que foi ordenado bispo, e andando contra uma tradição secular: a de que, no dia da consagração episcopal, os religiosos perdiam o dever de praticar o voto de pobreza. Mas por que Conforti fazia questão de ser pobre no mesmo momento em que outros episcopáveis deixavam de lado o voto de pobreza? Porque Conforti achava que, na missão, se podia anunciar um evangelho autêntico à única condição de ser como Jesus, isto é de viver a vida dele sintetizada nos três votos religiosos. Conforti emitia o voto de pobreza, no dia da consagração episcopal, não por razões jurídicas ou práticas, mas por razões teológicas, querendo ser assimilado a Jesus, ao pé da letra.

P. Entendi um pouco mais a questão, mas não vejo como o querer ser pobre venha a constituir um sinal profético.

R Naquele momento era difícil entender a posição de Conforti, mas ela se tornou luminosa uns sessenta anos depois, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, da *Populorum progressio* já citada, do documento latino-americano de Medellín e da nascente teologia da libertação.

P. Quer dizer então que, para anunciar o Evangelho aos pobres tem que ser pobres e viver em meio às vítimas da riqueza e da injustiça?

R. Acho que deve ser isso mesmo e acrescento que o voto de pobreza vivido no meio dos pobres torna mais visível e mais envolvente a função dos outros dois votos, o de castidade e o de obediência. Obediência e castidade são empenhos que produzem força espiritual, capacidade de resistência ao mal e à injustiça e coragem para se dedicar ao bem com atitudes de totalidade. Conforti intuía que castidade, obediência e pobreza juntavam todas as condições para a gente se meter à sequência de Jesus e se tornar capaz de viver o Evangelho ao pé da letra e, então, de anuncia-lo sem sofismas ou restrições. Aos contemporâneos Conforti podia parecer alguém que estava voltando para trás ou à idade média, mas, na realidade, estava fazendo um brilhante e significativo passo para frente sugerindo às ordens e congregações religiosas da igreja católica a importância de redescobrir os objetivos fundamentais da vida consagrada: derrubar a miséria e a injustiça por meio da pobreza e da justiça, derrotar a libertinagem e a violência por meio da obediência e do uso correto das mais naturais capacidades humanas. Em suma, antes de Conforti os votos religiosos vinham sendo associados ao trabalho

missionário por razões de conveniência ou, até, para facilitar o funcionamento jurídico da obra missionária. Com a visão de Conforti, os votos religiosos começam a ser contemplados como impulsos apostólicos de primeira ordem e passam a constituir o trampolim mais adequado para a inserção dos missionários nas trágicas situações do terceiro mundo. Lembrando o que temos afirmado a respeito de Jesus inovador e profeta, gostaria observar que os votos religiosos tem condição de colocar o pregador do Reino na situação do próprio Jesus e o tornam capaz de assumir a sorte dele: ser torturado e crucificado pelos açoites dos pobres e adversários do Reino.

P. É mesmo a ideia do Reino, esquecida por séculos e não suficientemente esclarecida, que nos solicita a falar do terceiro mérito inovador e profético de S. Guido Maria Conforti.

R. Digamos logo que em vez de falar em ideia ou projeto seria melhor falar em intuição que o novo santo teve a partir da adolescência, na hora em que ouvia falar da aventura missionária ou vinha conhecendo a lendária vida de S. Francisco Xavier e de outros missionários menos celebrados. Entre ideia e intuição pode existir profunda distancia ou componentes situadas em níveis diferentes e pouco determináveis. A ideia se parece mais com uma definição ou um conceito estável, enquanto a intuição se parece mais com um raio ou uma fulguração que vem e volta sem se determinar totalmente. Em base a uma ideia se podem prever os meios e os tempos que serão necessários para realiza-la, enquanto na base à intuição se podem somente traçar passos incertos e tímidos, se aceita de ter paciência, a esperar que o tempo e a vivencia a tornem mais acessível e/ou praticável.

P. Mas nos dê logo, com palavras simples e claras, um esboço da que foi a mais bela intuição de Guido Maria Conforti.

R. É a mais bela porque foi a mais difícil a se contornar e entender, porque é aquela que se esclarece mais com o passar do tempo e o estourar de eventos históricos que a ilustram e ajudam a aprofunda-la tornando-a mais desejável a cada etapa do caminho do homem sobre a terra. O Reino de Deus não pode ser definido ou determinado desde agora e se tornará totalmente visível na hora em que a caminhada humana estará para se completar e entraremos finalmente no anfiteatro estável da felicidade eterna. Sabemos contudo e por certeza de fé que o Reino de Deus não irá precisar de parlamento, governo, código penal, tribunais, impostos, milícia e programas de desenvolvimento tecnológico a longo prazo. O

Reino de Deus irá depender exclusivamente do relacionamento de fraternidade e amor que cada um de nós saberá expressar frente aos componentes de toda a família humana.

P. Mas, qual seria a conexão lógica que Guido Maria Conforti enxergava existir entre a epopeia missionária e a formação do Reino de Deus nesta e na outra vida?

R. Devia ser uma conexão de causa e efeito, considerando que o maior fruto da missão devia se traduzir na paz universal, numa fraternidade que pudesse associar todos os seres humanos e fazer deles a única grande família de Deus sobre a terra ou o rascunho do Reino de Deus definitivo. Mas notemos bem, devia ser uma família da qual fizesse parte a própria pessoa de Deus, porque, como observava Conforti em certos seus escritos, o Filho de Deus se tinha humanizado para obter a tal finalidade. Se o Filho de Deus se tinha tornado homem, os homens podem se reconhecer presentes nele e, nele, se tornarem membros da família trinitária.

P. Poderíamos dizer que as atuais migrações dos povos em todas as direções, o cruzamento entre raças e culturas, línguas e tradições, a existência da Europa e das Nações Unidas (ONU), a exigência de um código de direitos e deveres iguais para toda a família humana, a urgência de entender que o bem do conjunto depende do bem de cada um e que o bem de cada um depende do bem do conjunto estão traçando a resposta que Guido Maria Conforti tinha sonhado cem anos atrás?

R. A minha opinião não pode ser que positiva, mas a certas condições. Se pode admitir que o trabalho desenvolvido pelos estados e o trabalho desenvolvido pelas religiões se estejam integrando e complementando reciprocamente, embora caminhando sobre linhas paralelas e distintas e com o cuidado de evitar alianças ou ajuntamentos que, praticados desde dois mil anos, foram sempre ambíguos e produziram as vezes ruínas irreparáveis. O poder político e o serviço religioso constituem entre si dois sistemas inconciliáveis e não dá certo que sociedades de natureza tão diferente pretendam construir o mesmo mundo e esperar o mesmo resultado. A política é comando e domínio enquanto a religião é serviço e exortação, como podem fazer coincidir caminhos tão diferentes?

P. Mas podem concordar entre si pessoas singelas, famílias, grupos e comunidades. Um conjunto de médicos podem realizar um bem sociopolítico ao mesmo tempo em que curam os doentes e os mandam para casas com suas camas nos ombros a maneira do paralítico do Evangelho.

R. Muito bem e termino observando que a combinação de finalidades civis e religiosas num só agente ou numa comunidade reflete por um outro lado o maravilhoso sonho de Guido Maria Conforti e sugere uma nova e até então não imaginada estratégia a ser posta em ato na obra missionaria e na formação do Reino de Deus. Após Guido Maria Conforti nos resulta mais fácil compreender que a atuar a missão e a implantar o Reino são convocados não somente um grupelho de padres e freiras mas todos os batizados e todos os seres humanos de boa vontade: cristãos e não cristãos, clérigos e leigos, cientistas e trabalhadores, artistas e políticos, esportistas e comunicadores, tecnólogos e garis, teólogos, sociólogos, economistas, educadores e, enfim, todo pessoal que sabe desenvolver tarefas humanamente corretas e de valor unificante para toda a família humana e para o Reino de Deus agora mais a vista.

Belém do Pará, 05.09.2011.